
FILME *FEIOS*: A ESTÉTICA COMO DISPOSITIVO DE CONTROLE.¹

Patricia Assuf Nechar²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC- SP

Resumo

O filme *Feios* (Netflix, 2024), baseado na obra de Scott Westerfeld é uma crítica à padronização estética enquanto forma de dispositivo de controle. Ao detectar os mecanismos de manipulação presentes na trama, o artigo reflete, à luz dos ensinamentos de Michel Foucault, que o padrão estético imposto opera como tecnologia de dominação e vigilância, não apenas sobre os corpos, mas também sobre a sociedade distópica. E ainda a contribuição de Cornelius Castoriadis, no que tange à autonomia, entendida como a capacidade de viver de acordo com suas próprias regras e valores. Apoiado na metodologia qualitativa, trata-se de um estudo descritivo e interpretativo, que busca discutir conceitos de homogeneização, corpos dóceis e resistência.

Palavras Chave: Filme *Feios*; dispositivo de controle; corpos dóceis; autonomia; resistência.

Introdução

O filme *Feios* (*Uglies*), lançado em 2024 é uma produção da plataforma de streaming Netflix, dirigido por Joseph McGinty Nichol, conhecido como McG, com 100 minutos de duração, inspirado em uma obra homônima de Scott Westerfeld, composta por quatro volumes - *Feios*, *Perfeitos*, *Especiais* e *Extras*. O longa apresenta uma crítica à sociedade contemporânea ao retratar um futuro distópico. Em um cenário pós apocalíptico, a humanidade vive em um mundo supostamente perfeito, no qual todos os indivíduos são considerados “feios”(FEIOS, 2024, 01 min 32 s) e marginalizados desde o nascimento e excluídos do convívio social e familiar. Ao completarem 16 anos, todas as pessoas são obrigadas a se submeter a uma cirurgia estética que os adequa a um padrão de beleza previamente estabelecido. Somente após essa transformação, são aceitos e integrados à Cidade dos Perfeitos. A narrativa evidencia como a busca pela beleza física se configura como um mecanismo de

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Patricia Assuf Nechar é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa em Criação e Comunicação nas Mídias (CCM-InterLab21 PUC-SP). E-mail: panechar@gmail.com

controle, (Foucault) no qual a padronização estética atua como instrumento de opressão, eliminando a singularidade humana.

Desde as cenas iniciais, o enredo mostra que o principal problema que assola essa sociedade é a chamada “natureza humana” (FEIOS, 2024, 00 min 49 s), cuja tendência às diferenças geram conflitos, segregações e estratificações sociais. A fim de erradicar essas diferenças, a sociedade institui um procedimento conhecido como “a transformação”(1 min 04 s), que é um ritual cirúrgico capaz de converter pessoas comuns em “seres humanos perfeitos” (01min 13 s), ou seja, “saudáveis, felizes e bonitos” (01 min 22s). O que os adolescentes que esperam ansiosos pelo procedimento estético não sabem é que durante esta cirurgia, lesões no córtex frontal são criadas e isso faz com que as pessoas sintam uma falsa sensação de felicidade, ao mesmo tempo em que ficam suscetíveis ao domínio governamental. Uma vez realizada essa transformação, os conflitos desaparecem, segundo a lógica desse sistema distópico.

Mas nem todos os jovens almejam passar pela cirurgia. Shay, uma garota rebelde interpretada por Brianne Tju, simboliza a resistência à normatização pelo seu comportamento disruptivo que a leva a explorar territórios além da escola, em busca de novas formas de se viver. A personagem em questão leva a protagonista do filme, Tally (Joey King), a repensar sobre a operação e a incentiva a ir para a Fumaça, um lugar distante da Cidade dos Perfeitos e do poder governamental, onde os rebeldes se refugiam para viver livres, sem submeter-se ao procedimento.

Essa busca por autonomia ,conceito desenvolvido por Cornelius Castoriadis em *A Instituição Imaginária da Sociedade* (1991), no entanto, não é simples, já que o sistema de controle é sustentado não apenas por padrões estéticos, mas também por mecanismos de vigilância altamente sofisticados. Os indivíduos têm suas ações monitoradas por dispositivos digitais futurísticos, como anéis de rastreamento, veículos autônomos, skates voadores com GPS e câmeras, além de edificações que remetem ao panóptico descrito por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987), reforçando a vigilância constante e o controle dos corpos.

Dessa forma, tal como na obra literária, a adaptação cinematográfica reafirma uma crítica incisiva às imposições contemporâneas relacionadas à estética, demonstrando

como a busca desenfreada pela beleza se converte em um potente mecanismo de dominação social. Embora o filme tenha alcançado grande popularidade entre o público, permanecendo por meses entre os mais assistidos da Netflix, não recebeu o mesmo reconhecimento da crítica especializada, como apontam avaliações nos sites e *Rolling Stone* (2024), *CinePop* (2024) entre outros.

Para este artigo, utilizamos uma metodologia qualitativa, ancorada em uma reflexão interpretativa, que nos permite compreender como os mecanismos de controle são articulados na narrativa. A investigação se apoia ainda em revisão bibliográfica, com ênfase nas contribuições de Michel Foucault, cuja obra oferece suporte teórico para discutir como a estética torna-se dispositivo de controle, subordinando os corpos à docilização.

A disciplina e corpos dóceis

A análise torna-se ainda mais robusta quando iluminada pela perspectiva de Michel Foucault, especialmente por meio dos conceitos de biopolítica, disciplina e corpos dóceis. O autor, em sua obra *Vigiar e Punir* (1987), demonstra como as sociedades modernas desenvolveram mecanismos sutis e eficazes de controle, que não se apoiam exclusivamente na repressão, mas na normatização e na vigilância dos corpos e das suas subjetividades.

Michael Foucault evidencia em *Vigiar e Punir* (1987) que o poder moderno exerce sua força por meio de dispositivos disciplinares que visam otimizar, controlar e tornar os corpos úteis e obedientes. Isso pode ser considerada uma estratégia política. Já a biopolítica em *Microfísica do Poder* (2000), é conceituada como um conjunto de estratégias modernas de poder que visam à gestão da população que emerge como uma forma de governamentalidade que regula a vida, os corpos e as populações, moldando tanto o biológico quanto o subjetivo.

Em *Feios*, essa lógica manifesta-se nas cirurgias estéticas obrigatórias, que não modificam apenas a aparência física, mas também reconfiguram traços emocionais e comportamentais, gerando assim uma massa homogênea de indivíduos perfeitamente adaptados às exigências do sistema.

A padronização estética não é só um simples capricho, mas uma estratégia biopolítica que visa à eliminação da diferença, da singularidade e da resistência. Tanto que na cidade distópica dos Perfeitos, somente frequentada por pessoas que já passaram pela cirurgia, o resultado final da biopolítica é uma sociedade em que os corpos são moldados para obedecer a um padrão que garante previsibilidade, controle e docilidade.

No que tange a disciplina do corpo, materializa-se na fabricação de “corpos dóceis”, conceito desenvolvido por Foucault em seu livro *Vigiar e Punir* (1987) para designar os corpos que são moldados, treinados e ajustados às finalidades do poder. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (FOUCAULT, 1987, p.163). A docilidade não é somente a mudança de uma característica física, mas simbólica e subjetiva, pois ela irá envolver o indivíduo numa adequação às normas governamentais.

Para o autor, “A primeira das grandes operações da disciplina é a constituição de ‘quadros vivos’ que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.”(p.174). Isso transforma os corpos em organizados, previsíveis, passíveis de controle e úteis para o sistema governamental. Deste modo, o indivíduo começa a agir de maneira controlada. Conforme o autor, essas técnicas disciplinares do século XVIII se articulam com o saber e o poder: “Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma ‘ordem’” (p.174). Desta maneira o controle é feito com uma ação direta sobre o corpo, e a disciplina irá atuar como um todo, desde do que é mais visível, como a aparência da pessoa, até do que é mais invisível que é o comportamento.

Disciplinar e docilizar corpos além de deixá-los mais obedientes e fácil de coordená-los. O que se observa no enredo do filme é que quanto mais dócil o corpo mais ele será útil para o governo. É importante destacar que a cirurgia não é apresentada como uma imposição autoritária, mas como um ajuste, um ritual de passagem para poder viver em uma sociedade perfeita, pois desta maneira é mais fácil instalar a paz que supostamente foi destruída pela natureza humana³.

³ Lembrando que no filme, a “natureza humana” é entendida como um erro humano a ser corrigido, pois foi o que causou a segregação dos povos e o principal motivo para o apocalipse.

Este ritual, que é a cirurgia, é naturalizada desde a infância, vista como parte inevitável do amadurecimento. Os adolescentes a esperam com entusiasmo, pois aprenderam que a feiura é um erro a ser corrigido. A Cidade dos Perfeitos representa uma sociedade disciplinar, onde os corpos são moldados para obedecer e funcionar. A cirurgia não só padroniza a aparência, mas também elimina traços de dissidência, subjetividade e autonomia.

Ainda em Vigiar e Punir (1987) o corpo vigiado, ou no caso do filme, o corpo operado, está sob o olhar do governo. Após a cirurgia, a nova identidade do indivíduo passa a ser controlada e desta maneira cada ação passa a ser previamente determinada pelo sistema. O “poder, onipresente e onisciente” (FOUCAULT, 1987, p.221) exerce um tipo de comando em cima dos corpos, regulando não só sua aparência física, mas suas vontades e comportamentos. “A cada um seu corpo, a cada um sua doença e sua morte” (p. 221).

A cirurgia estética compulsória, nesse contexto, não é apenas um procedimento de melhoria que apaga a natureza humana, mas uma “marcação binária” (p.223), que separa os normais dos anormais, os belos dos feios, os civilizados dos rebeldes. Essa lógica remete a algo que Foucault descreve como uma práticas antiga de isolamento dos leprosos ou dos “pestilentos” (p. 223), e isso é realizado no filme como estratégia biopolítica de controle, ou seja, os que se recusam à cirurgia são marcados como ameaças, desviantes, tratados como patologias a serem corrigidas.

O teórico ainda descreve que o dispositivo disciplinar funciona por meio de duas formas simultâneas: a divisão binária (normal/anormal) e a determinação coercitiva que é o controle direto do indivíduo.

o da divisão binária e da marcação (louco não louco; perigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhecê-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante, etc) (FOUCAULT, 1987 p.223)

Isso se observa no modo como os feios são tratados no filme: primeiro identificados como defeituosos e, depois, sujeitos à reeducação corporal e comportamental por meio de técnicas médico-estéticas que reorganizam não só a

aparência, mas também o desejo, o pensamento e a subjetividade. Assim se estabelece o controle disciplinar eliminando qualquer traço de diferença.

No universo de *Feios*, o controle não se dá somente nos corpos, mas também na escola e na própria Cidade dos Perfeitos que é vigiada por guardas e câmeras de monitoramento. Essas técnicas remetem ao panóptico, que conforme Foucault aponta em seu livro que é uma técnica de constante vigilância em prisões, hospitais e escolas:

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos — isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. (Foucault, 1987 p.221)

Conforme descrito, a característica do panóptico é acima de tudo uma constante vigilância do espaço. Em nossa reflexão, entendemos que este controle reflete no que se observa na obra: para os feios, a partir das 22 horas devem obedecer o toque de recolher; somente os guardas que fazem a patrulha têm o direito de se mover livremente. A vigilância é constante e percorre por toda a extensão do local sem deixar os alunos circularem.

A Cidade dos Perfeitos, funciona também como um panóptico pois está sendo o tempo todo vigiada. Além dos guardas e dos sistemas eletrônicos, a sede do governo possui uma vista aberta para toda a cidade. Os cidadãos acreditam estar em um sistema seguro, mas estão imersos em um controle. A repressão não precisa ser explícita “fim das grades, fim das correntes, fim das fechaduras pesadas: basta que as separações sejam nítidas e as aberturas bem distribuídas”.(p. 226).

Em consequência disso mesmo, o poder externo, por seu lado, pode-se aliviar de seus fardos físicos; tende ao incorpóreo; e quanto mais se aproxima desse limite, mais esses efeitos são constantes, profundos, adquiridos em caráter definitivo e continuamente recomeçados: vitória perpétua que evita qualquer defrontamento físico e está sempre decidida por antecipação. (FOUCAULT 1987 p. 226).

A citação acima sugere que, após a transformação, os cidadãos não necessitam mais de vigilância ostensiva, pois internalizam o comportamento esperado. A docilidade

se manifesta de forma sutil e naturalizada, tornando o controle mais eficaz justamente por ser menos visível e mais incorporado ao cotidiano. Mas, mesmo assim, a cidade está em constante vigilância para punir qualquer sinal de rebeldia.

Shay: o corpo como resistência e punição

A personagem Shay, como já dissemos, interpretada por Brianne Tju, não é a personagem principal do filme, mas a rebelde que constitui o um dos principais símbolos de resistência à opressão e normalização da cirurgia estética do longa. Suas características físicas remetem a personalidade disruptiva. Cabelos bem curtos, traços orientais, ela usa roupas mais largas. Costuma fugir da escola para explorar locais fora do perímetro vigiado, constrói sua própria pista para o skate voador, lê livros filosóficos mesmo sendo uma prática proibida. A personagem se apresenta como uma figura que rompe com a lógica disciplinar, subverte o sistema doutrinador, questiona as promessas de felicidade vinculadas à estética rompendo com as significações sociais do mundo distópico.

Desde o início da narrativa, Shay recusa submeter-se à cirurgia, posicionando-se contra o sistema hegemônico e não apenas por uma questão estética, mas por uma luta mais ampla que é a preservação da autonomia, da individualidade e da liberdade. Ao negar a cirurgia, a personagem desafia diretamente o imaginário social instituído, teoria desenvolvida por Cornelius Castoriadis em "A Instituição Imaginária da Sociedade" (1991). Compreende-se que o imaginário social é um conjunto de valores e significações que já foram institucionalizados, que estão naturalizados, estruturam as normas, hábitos e crenças da sociedade. São ideias que as pessoas aceitam como óbvias, como se fossem naturais, eternas, incontestáveis mesmo sendo históricas e construídas.

A trajetória de Shay reflete temas de coerção, controle social e resistência, trazendo à tona algumas questões do filme sobre a liberdade de escolha, manipulação dos corpos e mentes em prol de uma ordem social. Ao contrário de outros personagens que aceitam ou até desejam a transformação estética obrigatória, como a protagonista Tally; Shay questiona e resiste às ideias governamentais. Sua postura frente a cirurgia faz dela uma ameaça ao sistema, pois em *Feios* o poder é exercido sobre os corpos das pessoas.

A personagem é um exemplo do que Castoriadis aponta como “autonomia do indivíduo” (CASTORIADIS, 1991 p. 122) , ou seja, a autonomia no plano individual refere-se à capacidade do sujeito de “tornar-se instância de decisão consciente sobre si” (p.123), sobre seus desejos e suas ações. Trata-se de um processo em que o indivíduo reconhece as determinações advindas da sociedade e passa a se autorregular, compreendendo que as normas que o regem podem ser criticadas, ressignificadas e até mesmo recusadas. A autonomia é, nesse sentido, a oposição à heteronomia (p. 131), ou seja, à regulação imposta pelo outro, seja esse “outro” o inconsciente (no sentido freudiano), a sociedade, ou qualquer forma de instituição alienante. Autonomia é, portanto, a possibilidade de legislar para si e de ser criador dos seus próprios sentidos.

Quando Shay se posiciona contra a lógica hegemônica governamental, ela rompe com o imaginário instituído e afirma a soberania sobre seu próprio corpo e seus desejos. Sua resistência não é apenas política, mas existencial. A recusa da cirurgia; viver a vida nas bordas da sociedade e escolher ir para a Fumaça representam escolhas que a desviam do sistema normatizado e alienante.

Ao final da narrativa, Shay é capturada pelos guardas do governo nos é apresentada de forma marcante como a cirurgia estética compulsória se converte em um mecanismo de punição para aqueles que desafiam o sistema. O governo da Dra. Cable, interpretada por Laverne Cox, empenhado em manter a ordem e a conformidade social, utiliza o procedimento não apenas como técnica de padronização, mas como forma de correção e coerção simbólica para os rebeldes. A cirurgia representa mais do que uma transformação física, ela simboliza a morte de suas identidades, um apagamento da autonomia, da singularidade e da subjetividade. Submetê-los ao procedimento é eliminar qualquer traço de resistência, silenciando um corpo que é livre. Nesse contexto, a captura de Shay e sua posterior transformação operam como expressão do poder biopolítico em sua forma mais brutal: um poder que não apenas vigia e normaliza, mas que mata, aniquila aquilo resiste e subverte as normas governamentais.

A transformação de Shay é radical. Ela torna-se um corpo padrão com cabelos longos, seios fartos, vestido brilhante e salto alto. Sua personalidade resistente é apagada e agora se torna lânguida, dócil, sutil. Torna-se perfeita aos olhos da sociedade

distópica. Para a personagem esta mudança constitui no que interpretamos como biopolítica que organiza o universo de *Feios*. Conforme os dispositivos descritos por Foucault (1987), o poder não age apenas pela repressão direta, mas pela vigilância constante, da classificação binária e da determinação coercitiva. A representação da captura e transformação de Shay simboliza não só a eliminação da diferença, mas a utilização exemplar do corpo rebelde como aviso disciplinar, como tecnologia de controle sobre o coletivo. O castigo somente reforça a eficácia do sistema governamental, assim, a transformação compulsória opera como dispositivo político de poder, voltado não à aparência física, mas à produção de corpos dóceis, submissos à norma e moldados desde cedo para servir ao sistema.

Considerações finais

Tal como na obra literária, a adaptação cinematográfica de *Feios* reafirma uma crítica incisiva às imposições contemporâneas relativas à estética, evidenciando como a busca pela beleza pode esconder um mecanismo de controle. A padronização estética, nesse contexto, não apenas oprime e anula a individualidade, como também induz à conformidade.

Mesmo em regimes autoritários, sempre à brechas para a resistência, como observamos revela o núcleo rebelde do filme. A estética funciona como fachada para ocultar dispositivos de controle, sendo a cirurgia o meio de apagar traços como pensamento crítico, rebeldia e autonomia.

O corpo, no contexto do filme, se torna o primeiro território da normatização, e a beleza deixa de ser uma escolha individual para se transformar em uma obrigação coletiva, um dever social.

A beleza hegemônica em *Feios*, revela-se como uma forma violenta de controle. A padronização dos corpos, a homogeneização das subjetividades e a eliminação das diferenças constituem estratégias biopolíticas que visam à manutenção da ordem, da disciplina e da obediência. Nesse contexto, a cirurgia deixa de ser uma promessa de aperfeiçoamento e se converte em tecnologia disciplinar, destinada a eliminar a liberdade de pensamento e instaurar a conformidade. O corpo de Shay, antes da cirurgia, representa a expressão da autonomia (Castoriadis 1991), mas depois da cirurgia não só seu corpo é moldado, mas sua singularidade.

O filme representa que os mecanismos contemporâneos de controle social que, longe de atuarem apenas sobre o visível, penetram a interioridade dos sujeitos, redefinindo aquilo que é desejável, legítimo e aceitável. A captura de Shay não encerra apenas uma trajetória pessoal, ela simboliza a vitória momentânea da heteronomia, o triunfo de um sistema que opera não pela destruição do corpo, mas pela sua conversão integral em instrumento de dominação. Ainda assim, o que Shay representou antes da transformação permanece como rastro, como memória subversiva de que a resistência é possível, e que o poder, por mais totalitário que pareça, nunca é absoluto.

Referências

AMORIN, Mirtes. **Castoriadis - Projeto de uma sociedade autônoma democrática**. PIDCC: Aracaju Ano III, Edição 06/2014 p. 132 - Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/buscar/documentos?querry=Dismax.DOCUMENTAL_TODO=castoriadis+projeto+de+uma+sociedade+autonoma+e+democratica> Última visita 13 jun 2025.

CASTORIADIS, Cornélius. **As encruzilhadas do labirinto IV. Figuras do Pensável**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004

_____. **A Instituição imaginária da sociedade**. Tradução Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FEIOS . Direção: McG. Produção: 20th Century Fox , John Davis. Intérpretes: Joey King, Chase Stokes, Laverne Cox. Roteiro: Jacob Forman, Vanessa Taylor. Estados Unidos: Netflix, 2024. (100), son. color. Legendado. Inglês. Baseado no romance homônimo de Scott Westerfeld.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed:Graal, 2000.

_____. Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

JONES, CT. **Uglies' Proves the Future of YA Adaptations Should Be Animation**. **Rolling Stone**. 14 set 2024. Sessão: TV&Movies. Disponível em <<https://www.rollingstone.com/tv-movies/tv-movie-features/uglies-netflix-ya-adaptation-live-action-animation-1235102442/>> . Última visita: 13 jun 2025.

NOLLS, Thiago. 'Feios', nova distopia sci-fi da Netflix, é um aglomerado de escolhas duvidosas e atuações esquecíveis. **Cine Pop**. 16 set 2024. Sessão: Críticas. Disponível em <<https://cinepop.com.br/critica-feios-nova-distopia-sci-fi-da-netflix-e-um-aglomerado-de-escolhas-duvidosas-e-atuacoes-esqueciveis-565445/>>. Última visita: 13 jun 2025.